Capítulo XXVII — Uma arma ofensiva

I

Aniquilar de um só golpe todas as objeções: tal é a primeira, a imensa vantagem do fato sobre o qual repousa o Credo do cristão, o estabelecimento do cristianismo. Convertê-las em provas, e em provas triunfantes, é outra.

De escudo e refúgio que era, o Credo torna-se revólver e canhão raiado. Arma defensiva, muda-se em arma ofensiva de uma potência e de uma precisão que nada iguala. Vamos mostrá-lo.

Por tempo bastante o ímpio se deu livre curso contra a religião; seja-nos permitido, uma vez, usar de represálias e voltar contra ele as suas próprias armas. Muitas vezes o incrédulo transformou o cristão em idiota: pode o incrédulo achar ruim que o cristão o transforme em apologista?

II

Para os livres-pensadores de toda tonalidade — panteístas, materialistas, socialistas, solidaristas, racionalistas, espíritas —, o cristianismo não é sequer um sistema razoável. Descobrem nele uma multidão de coisas que não suportam a crítica ou que chocam o bom senso. Suas objeções contra o dogma atacam a divindade e até a existência de Nosso Senhor Jesus Cristo. Para uns, Jesus de Nazaré não é senão um homem como outro qualquer. Para outros, é simplesmente um mito, inventado com o fim de personificar um sistema, como os heróis e semideuses da mitologia.

III

Os doze apóstolos são os doze signos do zodíaco; ou, se existiram, eram fanáticos, ludibriados por sua imaginação, que afirmaram ter visto o que não viram, ouvido o que não ouviram, tocado o que não tocaram.

No conjunto, os mistérios do cristianismo formam um tecido de contradições, de impossibilidades, de absurdos e de fantasias, de que o menor grau de ciência basta para fazer pronta e soberana justiça.

IV

Quanto à moral, sustentam que é um amontoado de leis e de práticas, das quais umas são antiquadas, inúteis, arbitrárias, supersticiosas; outras, impossíveis de observar, contrárias às inclinações mais imperiosas da natureza e aos direitos imprescritíveis da liberdade humana. Donde concluem que um Deus infinitamente justo e infinitamente sábio não pode ser o seu autor.

Assim, absurdo de um lado, impossibilidade ou inutilidade de outro: eis a última palavra dos incrédulos sobre o cristianismo. Resulta daí que, ao abraçá-lo, o gênero humano foi acometido de alucinação.

V

Baseado no fato do estabelecimento do cristianismo, o Credo converte em prova vitoriosa esse duplo ataque. Pelo que precede vimos, e bem vimos, que, mesmo aceitando o cristianismo como sistema razoável, é impossível explicar-lhe o estabelecimento por meios humanos. A menos que se admita um efeito sem causa, é de toda necessidade recorrer aos milagres, e aos milagres mais bem comprovados.

VI

Vindes agora dizer-nos, e esforçais-vos por persuadi-lo ao mundo inteiro, que o cristianismo não é sequer um sistema razoável; que seu dogma é falso, incrível, absurdo em muitos pontos. Que é isso, senão aumentar imensamente a dificuldade, já tão grande, de fazê-lo aceitar, e demonstrar com nova força a existência, a necessidade, o número e o brilho dos milagres que o persuadiram ao universo?

VII

Quanto mais fortes e mais numerosas são as vossas objeções, mais fazeis crescer a dificuldade da empresa. Por conseguinte, mais o milagre vos pega pela garganta e vos força a confessar a realidade e o poder da intervenção divina, que fez dobrar-se ao jugo da fé cristã as mais altivas inteligências, a própria razão do gênero humano.

VIII

Sem vos aperceberdes, transformais-vos em apologista e vos tornais, para vós mesmos, um verdadeiro Padre da Igreja. Queirais ou não, sois obrigado a dizer-vos esta linguagem: «Minhas objeções contra os dogmas cristãos não são novas. Todas foram feitas, e outras ainda, no próprio

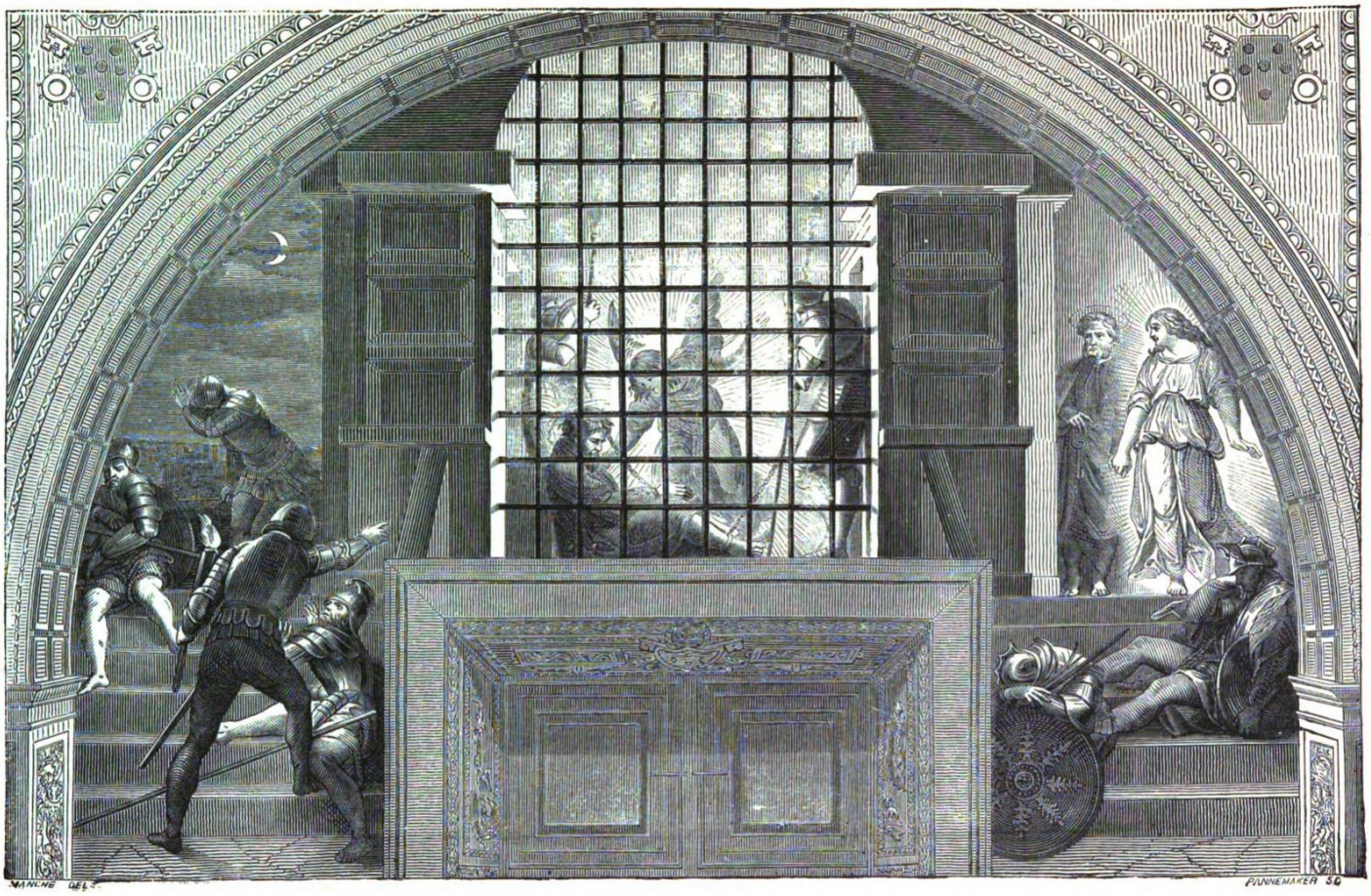
nascimento do cristianismo, pelos hereges, pelos filósofos pagãos, por negadores não menos hábeis que eu.

«Não há um dogma da fé cristã que não tenha sido cem vezes atacado pelo raciocínio, pela ciência, pela história, por todos os gêneros de objeções, e isso com uma superioridade que nunca foi ultrapassada. Não há um mistério que não tenha sido disfarçado, desnaturado, representado nos teatros e entregue à zombaria de um mundo que dele ouvia falar pela primeira vez.

IX

«Se, pois, apesar de minha educação num país cristão, apesar do exemplo de tantos grandes homens e de tantos grandes povos que creram; de tantas pessoas, não menos esclarecidas que eu, que continuam a crer; apesar de uma posse pública de dezoito séculos, o dogma do cristianismo me parece tão contrário à razão que o acho impossível de crer, que devia parecer ao mundo pagão, senão um escândalo capaz de fazer tropeçar os mais firmes espíritos; uma loucura a aguçar todos os sarcasmos, a provocar todos os risos, a fazer abanar todas as cabeças?

«Quanto mais sinto a força das objeções, mais se elevam também, a meus próprios olhos, esse escândalo e essa loucura; por conseguinte, melhor compreendo a impossibilidade absoluta em que estava o mundo pagão de crer no cristianismo.



> **São Pedro libertado da prisão por um anjo.** Pintura a afresco de Rafael, no Vaticano, século XVI.

X

«Contudo, esse dogma cristão, que me aparece como um sistema incoerente e que não se sustenta diante de minha crítica, como uma mistura ridícula de fábulas e de contradições, como uma montanha de absurdos e de impossibilidades, o universo o creu.

«Creu-o, sob a palavra de doze ignorantes.

«Creu-o em pleno século de Augusto, isto é, como aprendi no colégio, no século por excelência das luzes, da filosofia, da eloquência e das artes.

«Creu-o, apesar das oposições cem vezes renovadas dos livres-pensadores contemporâneos, cujos livros e cuja pena não cessavam de lhe dizer absolutamente tudo o que eu digo a mim mesmo: ‹O dogma do cristianismo é um tecido de concepções imaginárias, um plágio desajeitado de velhas tradições orientais e de algumas fórmulas filosóficas.›

XI

«Creu-o, apesar dos senhores da terra armados para proscrevê-lo; apesar de Nero, Domiciano, Diocleciano, Galério; apesar dos leões, dos tigres, das fogueiras, dos pentes de ferro, empregados para impedi-lo de crer.

«Creu-o em todos os pontos do globo, em Atenas, em Roma, no Oriente e no Ocidente.

«E, apesar de mim e dos meus semelhantes, ainda o crê.

XII

«Que meios há de explicar esse fato implacável?

«Dois somente: o DELÍRIO ou o MILAGRE.

«O milagre, não o admito; se o admitisse, seria católico.

«O delírio; mas quem é por ele acometido? Estou eu bem certo de que não sou eu?

«Estou bem certo de ter razão sozinho contra todo o mundo e de ser o único sábio, o único esclarecido entre os mortais?

XIII

«Posso depositar confiança razoável em objeções que nada têm de sólido aos olhos do resto dos homens e que talvez me parecessem ilusórias a mim mesmo, se meu coração não desencaminhasse minha razão?

«Julgo-me sábio; e, pelo órgão de seus grandes homens e de seus grandes povos, o mundo inteiro me diz que não sou senão um ingênuo, mártir de um vão erro? O mundo não diria a verdade?

XIV

«Fazer-me apologista malgrado meu: tal é o resultado a que chegam as minhas objeções contra os dogmas do cristianismo. Manobrei tão bem que todas se tornaram provas esmagadoras; de sorte que me vejo encerrado num círculo de ferro, do qual só posso sair por duas saídas:

«DELÍRIO ou milagre;

«Louco ou católico.

«Não há meio-termo.»



> «Eu sou o Alfa e o Omega» (Ap 1, 8: «Eu sou o Alfa, e o Omega, o princípio, e o fim, diz o Senhor Deos»). Segundo o selo da abadia de Saint-Tibéry, 1303.

Revision #2
Created 22 November 2026 12:51:30 by Admin

Updated 22 November 2026 15:38:04 by Admin